

Samuel Ponsoni

Graduado em Letras licenciatura Português/Inglês pela Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP (2008), Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2011 e 2015, respectivamente). Atualmente, é Chefe do Departamento de Comunicação e Design - DCD, da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG - Unidade Acadêmica Passos, Universidade na qual é Professor de Ensino Superior PES6D A. Coordena ainda o Grupo de Pesquisa Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória - LABIAM (CNPq/UEMG), grupo pelo qual desenvolve pesquisas com fomento Bolsa PQ Chamada 01/2021 UEMG, a quem agradeço o fomento para este trabalho. <https://orcid.org/0000-0001-9802-3267>

Fernanda Freire

Jornalista graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg) - Unidade Passos, com especialização em Marketing pela Universidade do Estado de São Paulo (USP)/Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Durante a graduação foi contemplada com duas bolsas de iniciação científica através dos projetos Gêneros Telejornalísticos na Era da Convergência Multimidiática (2018) e Comunicação Política em Fundamentos Discursivos para análises de casos brasileiros (2017). <https://orcid.org/0000-0001-5960-4923>

Recebido em:
17/10/2022

Aceito em:
06/05/2023

MAI / JUL 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 47-62

Desempregados brasileiros: uni-vos na empreendedora informalidade

Brazilians unemployed: unite in entrepreneurial informality

Samuel Ponsoni

Universidade do Estado de Minas Gerais

Fernanda Freire

Universidade do Estado de Minas Gerais

RESUMO

Este artigo analisa como narrativas discursivas, de empresas midiáticas brasileiras, tentam construir, através de reportagens, sentidos sobre desemprego que culpabilizam trabalhadores por sua situação de desemprego. Mais ainda, coloca-se como evidência de sentidos que o triunfo contra o desemprego está na vontade individual de empreender, tornar-se proletário de si, ao modo sujeito-empresa, mesmo que por meio da informalidade. Para tanto, nos fundamentamos na análise do discurso materialista, de base francesa, bem como nas teorias sociais de Dardot e Laval (2017) acerca de discursos, de perspectiva neoliberal, em que o sujeito trabalhador deve assumir-se como empresa, em uma condição ética e de razão de existência no mundo do capital. Assim, partimos da análise discursiva de seis reportagens produzidas entre 2017 e 2019, para compreendermos esse fenômeno discursivo.

PALAVRAS-CHAVE

Desemprego; Empreendedorismo; Narrativa discursiva; Sujeito-empresa

ABSTRACT

This text analyzes how discursive narratives, from Brazilian media companies, try to construct, through news reports, senses about unemployment, orienting them as effects of guilt of workers for their unemployment situation. Moreover, it is placed as evidence of sense that the triumph against unemployment is in the commitment to undertake, to become proletarian of itself, in the subject-enterprise mode, even if it happens through informality. For this, we ground ourselves on the French materialist discourse analysis, as well as on the social theories of Dardot and Laval (2017) about the emergence of discourses, of neoliberal perspective, in which the working subject must assume itself as a company, in an ethical condition and reason for existence in the world of capital. Thus, we start with the discourse analy-

sis of six news reports produced between 2017 and 2019, to understand this discursive phenomenon.

KEYWORDS

Unemployment; Entrepreneurship; Discursive Narrative; Subject-enterprise

1. Introdução

Em um vídeo¹ de 16/11/2019, viralizado pelos meios dispositivos de comunicação da internet, a então apresentadora do programa “É de Casa”, da Rede Globo, Patrícia Poeta, diz, para aqueles que se encontram desempregados, a dica de ouro: “Não se vitimizar, acho que é correr atrás”, ao sentar-se num confortável sofá, deixando transparecer um sorriso “lacrador”, como diz a boa gramática lexical das redes sociais, sendo imediatamente endossada pelos comensais especialistas que a cercavam no mesmo confortável sofá. Outra fala² que se tornou célebre, um mantra midiático daquilo que o trabalhador deve fazer em tempos de crise e desemprego, saiu em 12/5/2016, na ocasião de posses ministeriais, da mesoclítica boca do ex-presidente da República, Michel Temer, que teve a sua assunção ao cargo presidencial a partir de um processo bastante duvidoso, para ser eufemístico, de impedimento da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016. Diz Temer: “Não fale em crise, trabalhe!”, assertivo e efusivamente corroborado pelos presentes.

Essas duas falas, quase anedóticas da tragicômica e histórica condição social do trabalhador brasileiro, nos revelam não só a desconexão dessas pessoas em relação às reais existências de grande parte da população brasileira, mas, também, como existe, em momentos de grande desemprego, via de regra, um receituário de sobrevivência que se atribui ao trabalhador: no fracasso, culpar-se por sua própria condição de desemprego e desalento, ou, estando empregado, alegrar-se por ter achado seu “triumfo” diante das sucessivas crises estruturais do capital (Mészáros, 2009), triunfo este como um sujeito batalhador que empreende, e seja lá como isso for, em meio a um sem-número de precariedades no País.

Observa-se, então, que o fenômeno social trabalhista, no diapasão de sua crise, tem potencial caldo histórico-cultural para criar inúmeros discursos sobre trabalho e trabalhadores, isto é, um arquivo de discurso, embora trágico, de amplo lastro de significações por meio dos efeitos discursivos, sobretudo no que tange ao desemprego e às crises acerca de questões trabalhistas e do trabalhador. Estamos diante de um campo pleno de significados – tétricos, a bem da verdade – que circulam amiúde nas diversas esferas de atividade social da sociedade (Bakhtin, 2006).

Portanto, vamos nortear este trabalho, fundamentando-o por meio da Análise do Discurso materialista, de base francesa, com Pêcheux (1990;2008), e de teorias sobre o trabalho/trabalhador em Antunes (2009) e Dardot e Laval (2017) em relação ao discurso neoliberal, em que o traba-

1 O vídeo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y-I6S7-MHEg>>. Acesso em: 24 set. 2022.

2 O vídeo está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J2S1gXK56QA>>. Acesso em: 24 set. 2022.

lhador nada mais é do que visto como uma empresa, um “Você S.A”, em que ficar desempregado é apenas uma condição social provisória se ele encontrar soluções criativas para se virar: leia-se ir para informalidade como um empreendedor de si mesmo na precariedade.

Para tanto, utilizaremos como recorte analítico-discursivo, um conjunto de seis reportagens sobre emprego/desemprego, produzidas no âmbito de empresas midiáticas no Brasil, tais como Band, Globo News, Record TV e TV Gazeta, entre os anos de 2017 e 2019. O recorte temporal se deve pelo ano inicial da aprovação da Lei 13.467, cujo resultado é a Reforma Trabalhista de 2017, e os dois anos subsequentes. Uma espécie de parte pelo todo que nos mostre certas regularidades de sentido entre desemprego e a chamada boa notícia das reportagens, no sentido de os desempregados encontrarem soluções criativas, empreendendo com “bicos” e “informalidades”, mas tratados nas narrativas midiáticas como possibilidades de empreender e superar a crise do desemprego.

2. Trabalho e precariedade

A chamada precarização estrutural e multifacetada do trabalho, como aborda Ricardo Antunes (2009), deu origem a uma nova expressão referente aos trabalhadores brasileiros: a “classe-que-vive-do-trabalho”, que anteriormente, segundo o autor, costumávamos nominar como a classe trabalhadora:

A classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos (...) Ela não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Sendo o trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais-valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora (...), encontrando no proletariado industrial o seu núcleo principal (ANTUNES, 2009, p. 102).

Sendo assim, os trabalhadores produtivos são a classe em que se encontra o proletariado, em que o núcleo central – em sua maioria – são aqueles que desempenham atividades manuais (produtivas), embora nem todas as formas de trabalho sejam manuais, fabricando mais valia, no entendimento marxista do termo (Marx, 1978). Ainda com Antunes (2009, p. 102) compreende-se que a classe-que-vive-do-trabalho “engloba também os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo”.

No campo de interação social, os trabalhadores improdutivos são aqueles que, segundo Marx (1978), possuem o valor do trabalho consumido como valor de uso e não como trabalho que gera valor de troca. Enquanto Marx, em *O Capital*, enfatizava a distinção dos trabalhadores entre classe trabalhadora e assalariado, para Antunes (2009) a distinção se dá ao propor o uso dos termos:

[...] utilizaremos a noção de classe trabalhadora ou classe-que-vive-do-trabalho

para englobar tanto o proletariado industrial, como o conjunto dos assalariados que vendem a sua força de trabalho (e, naturalmente, os que estão desempregados, pela vigência da lógica destrutiva do capital) (ANTUNES, 2009, p. 103).

Dessa forma, por um lado, na conjuntura histórica da (des)sociabilidade capitalista contemporânea, o proletariado vende sua força de trabalho para receber remuneração. Na conjuntura da metamorfose trabalhista, por outro lado, percebemos, porém, uma outra tendência de pessoas que ocupam postos de trabalho: são subcontratados, terceirizados, informalizados, temporários ou “trabalham” para si “mesmos”, algo que, aliás, no Brasil atual, cresceu exponencialmente³.

Dito de outro modo, há um conjunto de trabalhadores que são auto-denominados donos de sua própria força de trabalho, na crecha de serem “patrões de si mesmos”(dono de seu tempo, espaço, local, controle de remuneração, entre outros imaginários capitalistas), quando, a bem da verdade, estão como “proletários de si mesmos” ainda mais precarizados.

2.1 A nova razão do mundo

Em *A Nova Razão do Mundo*, os pesquisadores Pierre Dardot e Christian Laval descrevem a nova tendência existencial-organizacional da sociedade, lastreada no chamado neoliberalismo. Em uma conjuntura (des)governamentada, a praxe se passa por fortes crises econômicas e sociais, deixando ao sujeito ocupar o lugar do Estado, antigo principal agente social do liberalismo pré e pós-Segunda Guerra.

Nessa lógica, os sujeitos trabalhadores na razão neoliberal, além de competir com o restante de outros sujeitos trabalhadores, afastados do mercado de trabalho, disputam com um oponente mais complexo: a si mesmos. Nessa luta sem vitoriosos, o exercício do neoliberalismo moldou os tradicionais formatos sociais a ponto de estimular condutas que despertam um movimento crescente, em que se ascendem novas formas de embate.

Assim o sendo, os teóricos apresentam na obra supracitada não só “a nova razão do mundo”, como também a nova concepção dos sujeitos contemporâneos: os sujeitos-empresa. O ponto central dessa tendência, explicam os autores, é o encadeamento entre as corporações e a ação pessoal, de modo que se “privilegia uma dimensão agonística: a da competição e da rivalidade” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 135).

2.2 O sujeito-empresa em uma nova razão de mundo

A figura do sujeito de negócios, generalizado no imaginário social como sujeitos antenado com o mercado de trabalho, bem-sucedidos na carreira, com bastante capital acumulado, foi, desde o século XVIII, considerada como “o verdadeiro herói moderno” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 151), sendo uma po-

sição-sujeito, portanto, bastante apreciada pelas classes da sociedade burguesa, erigida principalmente com as Revoluções Burguesas e Industrial, nos séculos XVII, XVIII e XIX.

A possibilidade de conhecer detalhadamente a economia, as tendências globais e negociar com outros empreendimentos foi durante muito tempo idolatrada pela maioria dos sujeitos que desempenhavam funções mais convencionais, já que o empreendedor passou a ser reconhecido como “um mediador entre o conhecimento e a execução” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 151), ou seja, aquele que detém saberes e, com esse saber, aplica-se ao mercado e logo torna-se bem-sucedido. Seu trabalho é tão impactante para a produção que, segundo os autores, “repousa sobre ele o sucesso da empresa e, generalizando, a prosperidade de um país” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 151).

(...) pretende espalhar e sistematizar o espírito de empreendimento em todos os domínios da ação coletiva, em particular no serviço público, fazendo da inovação o princípio universal de organização. Todos os problemas são solucionáveis dentro do espírito da gestão e da atitude gerencial; todos os trabalhadores devem olhar para sua função e seu compromisso com a empresa com os olhos do gestor (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 154).

Como vemos pela citação, nosso objetivo agora se faz em compreender como no discurso midiático esse sujeito-empresa de si, por condições de miséria, desemprego e precariedade, imbuí-se de jogar o jogo das razões neoliberais do capital e não se ver nem agir mais como um trabalhador, desempregado, e sim como um sujeito que, na miséria e crise, correu atrás, trabalhou e viu a oportunidade de empreender nas migalhas do capital econômico, por meio da meritocracia individual – mesmo em países como o Brasil, brutalmente desigual.

3. A narrativa discursiva do acontecimento

Para compreender certas narrativas midiáticas, a análise do discurso (doravante, vez ou outra, AD), de matriz francesa e base materialista histórica, nos faz observar os sentidos do discurso que empresas midiáticas construíram acerca do desemprego *versus* a oportunidade de empreender no país, mesmo que pela informalidade, como algo bastante eufórico, digno de um “a boa notícia é”.

Assim, a partir de estruturas discursivas que podem representar imaginários históricos e ideológicos ou a própria forma material de luta de classes, a AD nos permite buscar não somente outras perspectivas, mas conceber como, em uma dada conjuntura histórica, como discursos (pluri) significam em seus efeitos de sentido. Desse modo, a saber, o que precede a análise discursiva é a ordem analítica, que propõe a teoria de que toda língua é determinada por uma ordem mais ou menos fixada, estereotipada, de relação entre discursos, como explana Jacques Guilhaumou (2009, p. 111), isto é, uma perspectiva de narrativa discursiva, com a qual “se tramam as relações entre língua e história” (PÊCHEUX, 1990, p. 9).

Os caminhos de sentido, portanto, estão longe de obter uma só trilha

de significação, isto porque os dizeres já estão inseridos na sociedade antes mesmo de sua “aparição” inicial e cronologicamente localizável. Ainda, nenhum enunciado está isolado, transforma-se ao longo das diversas conjunturas históricas, na inter-relação entre sujeitos e instituições, múltiplas formas de coerção e pressão sobre os dizeres discursivos e seus sentidos.

Essa relação de história com a língua reside no fato de a memória (historicidade) estar em contato com língua e sujeitos. Esse processo de discursividade, qual seja, memória, discurso e direcionamento de sentidos e seus efeitos, produz um modo de produção discursivo que, nem sempre, representa o real da história, materialidade objetiva e concreta, mas uma realidade, que é um recorte parcialmente distorcido, dissimulado, desse real e, por isso mesmo, tem seus direcionamentos narrativizados nos acontecimentos.

Essas noções de acontecimentos discursivos, as quais Guilhaumou (2009) explora, são importantes para que nós assimilamos logicamente alguns sentidos aos quais temos contato cotidianamente, mas não estão dispostos expressamente. Esse contato com os discursos dissimulados, complementa Pêcheux:

(...) não separa dois mundos [mas] atravessa a sociedade como uma linha móvel, sensível às relações de força, resistente e elástica, sendo que, de um e outro de seus lados, as mesmas palavras, expressões e enunciados de uma mesma língua, não tem o mesmo sentido: (...) representa, no interior da língua, a maneira política de negar a política (PÊCHEUX, 1990, p. 11).

Notamos, então, a área de risco em que o proletariado, ou a classe não dominante, caminha sobre as ruínas do desemprego. Exposto alguns apontamentos sobre narrativa, elementos discursivos e sobre a vinculação indivisível da linguística com a história, por meio dos discursos, discutiremos sobre as consequências dessa prática para além de aspectos da linguagem nas narrativas discursivas dos acontecimentos midiáticos.

3.1 A narrativa discursiva de matérias midiáticas em 2019

Para ilustrar o ano de 2019, coletamos dois vídeos, de duas empresas de comunicação diferentes. O primeiro que iremos analisar é o veiculado pela rede de televisão aberta Bandeirantes (Band)⁴, em 30 de agosto de 2019.

A reportagem se inicia com a imagem de um humilde comércio, o qual, descobrimos adiante, ser o novo local de trabalho de Eduardo Costa, que atua como repositor na loja que está localizada em São Paulo. Sua rotina, descrita por um *off* da repórter Olívia Freitas, se baseia em abrir caixas, separar produtos e conferir prateleiras do estabelecimento. Embora seja uma rotina monótona, o repositor aparenta estar satisfeito com a vaga de emprego, a qual é a sua primeira com carteira assinada depois de enfrentar 1 ano e 8 meses de desemprego.

Eduardo relata estar aliviado por encontrar na oportunidade uma esta-

bilidade na vida. Depois que voltou ao mercado de trabalho formal, ele ainda comenta que voltou a fazer planos para o futuro, porque sabe que “o dia de amanhã está garantido” (0:19). Além do repositivo, a reportagem ainda indica que mais pessoas podem compartilhar do mesmo sentimento, já que “a taxa no Brasil ficou de 11,8% no trimestre encerrado em julho, somando 12 milhões e 600 mil desempregados no país” (0:24), dado este que é narrado como positivo, já que equivale a “um pouco menos do que a pesquisa anterior” (0:31) realizada pelo IBGE. Esse número, explica a reportagem, sob imagens de uma movimentada região, “significa que 609 mil brasileiros conseguiram uma ocupação, passaram a ter renda nesse período” (0:33).

A modalidade de trabalho, no entanto, não parece ser tão otimista assim: “os empregos sem carteira assinada e os trabalhadores por conta própria” (0:42) motivaram a tímida melhora do resultado observado no levantamento, situação que, ainda, proporcionou com que a informalidade alcançasse o patamar mais alto no país, englobando 11,7 milhões de pessoas ativas no trabalho informal, número que representa “alta de quase 4% comparado ao trimestre anterior” (1:02). Percebe-se a posição histórica e ideológica da narrativa discursiva da matéria ao nomear trabalhadores desempregados de trabalhadores por conta própria. Proletários de si mesmos, na razão neoliberal.

Ou seja, quer-se emplacar os efeitos de sentido na narrativa de que esses trabalhadores por conta própria, que desempenham funções as quais podemos considerar similares a empresários(ou, no jargão neoliberal, empreendedores), mas sem as regalias imaginárias de empresários como donos de meios de produção e sem a utilização de classe trabalhadora, trata-se de algo positivo, pois, em meio à crise e desemprego, essa forma de lidar com o mundo do trabalho apresentou alta, se tornando esta uma situação comum para 24 milhões de brasileiros, ou, ainda, como diz a reportagem, um total de “41% dos trabalhadores dependem de alguma ocupação informal para ter renda” (1:15), uma vez que, não menciona a repórter, o Estado, já minimizado no neoliberalismo, não presta assistência concreta a esses trabalhadores, de modo que se encontrem em uma situação cuja única saída para a sobrevivência é a informalidade.

Ainda na matéria, trata-se o caso de Anderson Xavier, exemplo da reportagem, que tem 29 anos e há dois foi demitido do último emprego, no qual era operador de empilhadeira. “Mas hoje ganha a vida como vendedor ambulante no centro de São Paulo” (1:27). O perfil de Anderson foi gravado em *off*, sob imagens do vendedor gesticulando e gritando em meio à multidão paulistana, que, aparentemente, não nota a presença do rapaz, ou, ainda, não se interessa pelo produto que está comercializando: garrafas de água mineral e refrigerantes armazenados no interior de uma improvisada caixa de isopor.

A situação trabalhista em que se encontra não parece ser assim tão proveitosa para o vendedor, como a repórter havia comentado no início – que ele estava “ganhando a vida” (1:27), o que (sub)entende-se que Anderson estava, minimamente, satisfeito com seu empreendimento ou, colhendo bons frutos do trabalho. Nos diz o trabalhador: “distribuo currículos, ultimamente tenho feitos uns cursos só que as empresas não ligam, não chega e-mail” (1:33), relata o rapaz, demonstrando que gostaria de uma

outra forma de trabalho.

Esse pedido de ajuda silenciado se reproduz “em torno da barreira política invisível que protege o Estado: ele consiste em denunciar a sociedade, tornando visível o seu irrealizado” (PÊCHEUX, 1990, p. 12), culpabilizando o trabalhador pelo seu próprio fracasso, em última instância.

Ardilosamente, a repórter, sem tecer comentários à fala desmotivada do vendedor ambulante, narra que “mesmo quem trabalha poderia fazer mais” (1:39), considerando, nesse caso, a aceitação da prática dos trabalhos informais e, também, desconsiderando, ao mesmo passo, que o fato de as pessoas estarem procurando outras atividades econômicas para complementar a renda só pode significar e gerar efeitos de sentidos discursivos de que, na verdade, a remuneração recebida no trabalho atual não é suficiente para quitar as despesas mensais, mas por culpa do trabalhador.

Sobre a subocupação, trata a reportagem que houve um registro grande, superando 7 milhões de pessoas entre maio e julho, “o maior número já registrado desde que começou a pesquisa, em 2012” (1:48), acrescentou Olívia. Essas pessoas, pondera a repórter, “são aquelas que têm horas livres disponíveis, querem produzir mais, mas não conseguem ocupar esse tempo” (1:53).

Com efeito, como já exposto no decorrer das reflexões deste artigo, mais uma vez a tendência a que o trabalhador atenda ao mercado, até em seu tempo livre, foi novamente explorada, representando a ideia de que “converter o trabalho em atividade livre, autoatividade, com base no tempo disponível” (ANTUNES, 2009, p. 179) já deve ser entendida como uma prática entre os brasileiros. Um efeito de sentidos discursivo logicamente estabilizado.

É comum que as narrativas das reportagens televisivas convidem especialistas para comentar indiretamente sobre os casos desestimulantes dos brasileiros que são contados antes de suas falas, sem levantar quaisquer propostas de intervenção para tais, tratando do assunto apenas de uma maneira técnica. Desta feita, Renan Pieri, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), de São Paulo, foi o encarregado de corroborar a tragédia ao afirmar, na reportagem, que é natural, “em um processo de recuperação econômica” (1:59) os desempregados migrem para empregos informais nos primeiros tempos em vez de se inserirem diretamente no mercado de trabalho formal, com a justificativa de que “as grandes empresas, que geram os empregos formais, elas acabam retardando a contratação de pessoas para esperar para ver qual vai ser o cenário” (2:13).

Ver o cenário entende-se: apostam na narrativa discursiva midiática em direcionar e naturalizar os sentidos de destruição e realização do mais miserável para que, subjulgado à conjuntura, o trabalhador e o valor do trabalho, simbólico e material, seja definido pela antípoda discursiva da classe, qual seja, o próprio mercado, a pagar e dar os direitos que bem entende.

Nonsense ou não, a fala do especialista corrobora a narrativa midiática de que é possível ser feliz e sobreviver como empreendedor de si e para si mesmo, mesmo no trágico cenário político-social-econômico do desemprego em massa. A última personagem a aparecer na reportagem é Renata de Oliveira, consultora de vendas. A repórter Olívia parece a ter encontrado em um local que a consultora tentaria uma vaga de trabalho. À reporta-

gem, conta que perdeu o emprego em junho, e, agora (mês de agosto) busca uma nova oportunidade, participando de diversos processos seletivos, “coisa que dois anos atrás não tinha essa oportunidade de ir em tantas entrevistas, tantos processos” (2:32), relata Renata. Para a voz colocada no discurso da trabalhadora, é positivo o sofrimento de ir a tantas entrevistas, pois, por mais que esteja em desemprego, há tantas entrevistas. Algo a se comemorar. “Você acha que dessa vez vai?” (2:41), questiona Olívia em um tom positivo, seguida da resposta de Renata “com certeza” (2:42). Ou seja, o discurso positivo e otimista de que o modo de produção neoliberal adora. A cada sorriso em meio a tragédias mais a razão de mundo neoliberal se capilariza e se solidifica.

Noutra reportagem de 2019, agora do canal de televisão por assinatura GloboNews⁵, pertencente ao Grupo Globo, veiculada na edição do dia 14/07/2019 a repórter com Paula Araújo que demonstrou estranhamento pessoal ao assunto desemprego, sob uma perspectiva pouco usual, qual seja, ao desemprego da população qualificada, que, em 2018, crescera 13%, segundo levantamento do PNAD/IBGE.

A matéria indica que, embora os índices gerais de desemprego no primeiro trimestre de 2019 tenham diminuído, a situação é inversa para aqueles que são mais escolarizados. Seguindo o protocolo, a matéria expõe alguns exemplos de pessoas que fazem parte desse dado, romantizando aspectos da resiliência (como no vídeo anterior, com relação a Eduardo, Anderson e Renato). Entre os exemplos, está Bruno Zeilter, engenheiro de produção que está sem trabalhar desde o começo daquele ano. Ao ser questionado sobre o que está fazendo para alterar esse quadro, Zeilter comentou que está se movimentando “para tentar achar alguma coisa” (0:41). Ou ainda, correr atrás sem pestanejar sobre sua posição e condição de classe trabalhadora, afinal gerir tal sofrimento já parte do processo discursivo constitutivo a quem está em desemprego.

Mais ainda, o engenheiro ainda disse que está empenhando-se para migrar para o mundo digital e fazendo, ainda, “uma graduação para tentar achar qual o novo *business* do futuro” (0:45). Contudo, como se nota, o Zeilter, pelo léxico mobilizado, “*business*”, coloca-se como pronto para entrar no mundo discursivo do empreendedor do desemprego.

A reportagem, então, traz à baila a fala da especialista da vez. A gerente de recrutamento de uma das empresas participantes, Ana Schiavone, comentou sobre um dos diferenciais que o candidato à vaga deve se atentar a somar no currículo, ao mesmo passo em que sua fala reflete, no programa, diz sobre uma tendência nacional: “a gente busca muito esse espírito empreendedor no profissional, então o quanto ele tem esse olhar para fora, o quanto ele consegue trazer de inovação dentro da empresa e muito principalmente a vontade de trabalhar” (3:48). A narrativa discursiva deixa evidente, uma vez mais, que o trabalhador que não se inserir no espírito empreendedor e vontade de trabalhar, por sua vez, fracassou e deve se culpar pelo seu desemprego.

Dito de outro modo, a própria forma de enredar as estruturas da re-

portagem, com personagens e discurso no lugar e hora certos, faz com que se trace e crie um trajeto de sentido de naturalização e sucesso inesgotável do outrora desempregado em ora empreendedor, isto é, um verdadeiro caso de sujeito-empresa esclarecido e ciente da sua nova razão de mundo (DAR-DOT; LAVAL, 2017).

Tem-se aqui, então, uma nova camada discursiva de sentidos para o desempregado que empreende e sai do desalento: o sujeito produtivo. Este sujeito produtivo está, discursivamente, em contraposição ao sujeito desempregado ou, mais ainda, em desalento, e sem a solução para isso, pois traz consigo a memória discursiva de que o trabalho não só ser executado, mas deve ser muito produtivo – não importam as horas, os descansos, os sacrifícios, as qualificações, apenas, objetivamente, ser exatamente o melhor sujeito burguês, isto é, produtivo e eficiente, contributivo aos meios de produção e à sociedade e que, de acordo com a Patrícia, trazida no início deste trabalho, está correndo atrás, sem se vitimizar. Ou, ainda, não fale em crise, trabalha, como diz também no início Michel, o breve ex-presidente.

Portanto, o discurso, numa relação entre outros discursos já ditos, outrora, em outro lugar, em outros lugares de memória, independentemente, irrompe-se na reportagem como a ideologia liberal-burguesa e os direcionamentos de sentido se fundem, aqui, agora, no processo discurso capitaneado pela narrativa midiática.

3.2 A narrativa discursiva de matérias midiáticas em 2018

Para representar o ano de 2018, elencamos duas reportagens produzidas pelo Jornal da Record, o telejornal noturno apresentado pela RecordTv. Apresentada⁶ no programa de 20 de março de 2018, o principal mote da reportagem é demonstrar que desempregados estão retornando ao mercado de trabalho com “negócios criativos”, uma novilíngua para pasteurizar os discursos e para driblar a crise econômica do Rio de Janeiro que assolava principalmente os setores de construção e comércio na capital carioca.

Sob direção da repórter Vanessa Libório, a primeira reportagem analisada escolheu duas mulheres para representar a conjuntura de que os desalentos estão migrando para negócios alternativos: Rafaela Lima, de 27 anos, que se formou em Engenharia Civil e Ana Paula Messias, de 49 anos, ex-analista financeira.

A reportagem comenta que, apesar de atuarem em áreas distintas, as duas tinham algo em comum: trabalhavam em bons empregos, mas como outros 5 milhões de brasileiros, foram demitidas e “o jeito foi juntar criatividade e muita garra para não ficar sem renda” (0:10), nos indica a chamada da matéria.

A saída que Rafaela, há dois anos distante dos canteiros de obras, encontrou em meio ao desalento foi fabricar peças como biquínis, gorros, colchas e bolsas, que demandam um tempo de dedicação da engenheira. No caso de uma colcha, detalha a reportagem, Rafaela demorou seis meses para costurar, mas, o que a jovem queria mesmo era ter gastado esse tem-

po para fazer outra coisa, como um galpão industrial, que se constrói em oito ou nove meses. Embora esteja comercializando alguns de seus produtos todas às sextas-feiras, em uma feira em Duque de Caxias, na baixada fluminense, a recompensa financeira não é equivalente ao que ela recebia na época que podia contar com a remuneração de engenheira nem mesmo lhe permite ajudar integralmente nas despesas de sua casa (2:32), a qual aparentemente divide e depende da assistência de seus pais.

Na feira de rua carioca, a peça mais barata da jovem custa R\$20 e a mais cara, R\$80. A repórter Vanessa relata que “não demora muito começam a surgir os compradores” (3:01), todavia, no vídeo, identificamos apenas duas senhoras que se aproximam da barraca de Rafaela para conhecer seu trabalho, mas saem de mãos vazias, sem consumir nenhum dos produtos. A reportagem alega que enquanto espera pela recuperação no setor, “Rafaela se vira com o antigo hobby” (2:10), que, assim como a profissão que é formada, também começa com uma linha. O que se entende como hobby, aqui, se refere ao: “tempo livre, que é tanto tempo de ócio quanto tempo para atividades mais elevadas [que] naturalmente transformou seu possuidor em outro sujeito, e é inclusive como este outro sujeito que então ele ingressa no processo de produção imediato” (MARX, 2011, p. 593).

Pelo citado, constatamos que, nessa configuração capitalista, o controle do tempo livre aos sujeitos passou a ser do mesmo proprietário do tempo do trabalho dos indivíduos, que é o capital. Isso é preocupante, pois, como declara Marx (1978), a jornada de trabalho a qual estamos acostumados são “resultado de uma guerra civil de longa duração, mais ou menos oculta, entre a classe capitalista e a classe trabalhadora” (p. 341).

Já a analista financeira Ana Paula, outra personagem da reportagem, perdeu o emprego no qual trabalhou por 21 anos, porque a empresa de roupas onde desempenhava o serviço “não sobreviveu à crise” (4:13). A reportagem detalha que, na antiga função, ela costumava receber mais de 5 mil reais “e de repente se viu sem dinheiro nenhum” (4:18). “Eu pago aluguel até hoje, não tenho uma casa própria, porque fui muito de gastar o que eu ganhava e nunca pensei em ter uma casa. Só pensava em criar minhas filhas, dar uma educação para elas, um futuro melhor, mas não pensava em mim” (4:21), recorda Ana.

Sem uma poupança financeira e sem encontrar um emprego há dois anos, a antiga analista financeira teve que renunciar àquilo que mais gostava: seus luxuosos sapatos e peças de vestuário, os quais eram em quantidade tão numerosas, que ela “tinha praticamente uma loja dentro de casa; e foi justamente daí que veio a ideia de fazer dinheiro para enfrentar o desemprego” (4:44). A iniciativa surgiu a partir do marido, Charles Henrique Santos, que ambicionou nas roupas da esposa uma forma de ganhar dinheiro, conta a reportagem. O brechó da analista é nas ruas de uma feira popular no Rio de Janeiro e foi nesse espaço que Ana “aprendeu a se reinventar” (5:21). Além do brechó, Ana também vende roupas em domicílio, “convicta de que o melhor negócio passa longe dos gastos exagerados” (5:57). Fica evidente que os sentidos se direcionam ao discurso de “puna-se” pela sua situação, que saiu do luxo ao precário empreendimento para si mesma.

Embora Rafaela e Ana Paula estejam junto à lista dos mais de 13 milhões de desempregados à época da reportagem no país, elas “descobriram

em casa a saída para gerar renda e tentar manter as contas em dia” (6:24). “Eu aprendi muita coisa, até a ser mais um pouquinho humilde” (6:46). Ou seja, o desemprego mais uma vez retratado discursivamente como uma punição moral.

3.3 A narrativa discursiva de matérias midiáticas em 2017

Para representar esse ano, foram selecionadas duas reportagens. A primeira que discutiremos foi veiculada⁷ em 10 de outubro de 2017, pelo Balanço Geral, programa que prioriza o jornalismo local e que pertence também a RecordTV. O intuito da matéria foi, além de contar a história da família de José Luís Buitvidas, como enfatizou o apresentador Reinaldo Gottino, ser uma motivação para que outras pessoas sigam o trabalho informal. “E o que eu quero com essa reportagem? Quero inspirar você. Então de repente você está vivendo uma situação difícil na sua casa, de repente essa reportagem pode despertar” (0:53). Vale lembrar que, nesse contexto, em 2017, o Brasil tinha quase 13 milhões de brasileiros desempregados.

A reportagem demonstra na escolha de dois personagens desempregados que muitas vezes a saída para encontrar outra forma de ganhar dinheiro pode estar dentro de casa. O primeiro caso a ser apresentado é o da família de José, que após um período de sete meses enviando currículos, “percebeu que a porta do corredor que leva a cozinha era uma saída para o orçamento financeiro” (1:30). O antigo diretor de compras comentou que o negócio está sendo bom, “pelo menos a gente conseguiu respirar de novo, conseguiu sair da dificuldade” (1:40). Na preparação das marmitas trabalham ele, a filha e a esposa, Angélica. Além de cozinhar, a família ainda tem que se responsabilizar pela entrega.

A produção é uma reportagem de Douglas Dias, que detalha que “a receita de José para driblar o desemprego é a mesma que milhares de brasileiros seguiram no último ano” (2:43), já que “hoje são mais de 5 milhões de pessoas nesse setor, 683 mil a mais que no ano passado” (2:50). A produção caminha até uma aparente feira de rua para realizar uma entrevista rápida sobre o cardápio daqueles que desempenham o mesmo cargo que a família de José: a informalidade. Entre as opções, a população conta que está vendendo bolo de milho, salgadinhos, pudim, cachorro-quente, doces, cupcake, pão de mel e cone recheado, entre outros.

O segundo personagem a ser apresentado na reportagem é a boleira Karina Lima, formada em recursos humanos e secretariado, que percebeu na doceria caseira uma afinidade, em que os principais privilégios são poder controlar seus horários sem levar bronca de chefe (3:25). Um ingrediente importante para fazer essa receita empreendedora dar certo, expressa o repórter Douglas, é o planejamento. Isto é, planejar-se por si mesmo, uma vez que o Estado neoliberal minimizado depende que as pessoas façam a sua vez na correlação trabalho *versus* capital.

O consultor de finanças pessoais, Nélcio Costa, desta feita a fonte referente na área, diz que para ter sucesso nesses empreendimentos informais é

preciso seguir algumas cautelas gerais: “observe se a necessidade que você quer produzir atende a necessidade das pessoas a quem você quer servir; a segunda dica é ter um bom planejamento financeiro pessoal e um terceiro ponto muito importante é entender que de fato uma empresa pequena é exatamente igual a uma empresa grande, as dinâmicas são as mesmas, são pessoas resolvendo problemas de outras pessoas” (3:36).

A reportagem finaliza a matéria reforçando que o caso da família de Luís está tão bem encaminhado que sua esposa, Angélica, que atualmente trabalha como secretária, pretende “sair do emprego para se dedicar mais as marmitas saudáveis” (4:00). “É realmente uma coisa que é bacana e dá retorno” (4:10), justifica Angélica.

De volta ao estúdio, em tom discursivo professoral-coaching, Gottino deixa o último recado à população sobre o assunto: “tá aí, que você tenha uma inspiração, que você possa usar a criatividade para sair de uma situação financeira difícil porque a gente sabe que não tá fácil mesmo, muita gente está em casa querendo uma recolocação no mercado” (4:26). Em outras palavras, a solução, desempregado, está aí, basta ser um sujeito-empresa, encarar a informalidade e ser empreendedor de si e para si. Todas as políticas de precarização e não produção de trabalho aos trabalhadores: esqueçam e mais ainda, não esperem, vitimizando-se, que isso exista.

Já o segundo vídeo analisado do ano de 2017 foi produzido pelo Jornal da Gazeta, o telejornal da Tv Gazeta, veiculado⁸ em 10 de janeiro daquele ano. O tema principal do vídeo é demonstrar que, com a situação de desalento, muitos brasileiros estão deixando a profissão de lado e buscando alternativas em outras áreas e outros muitos “também estão investindo em jeitos criativos de chamar atenção de potenciais clientes” (0:10). De modo inédito, essa reportagem analisada não teve a presença de nenhum especialista no assunto para tratar sobre a situação econômica ou o desemprego no país [estariam eles também desempregados?].

A matéria reuniu a história de quatro mulheres que trocaram a antiga atuação para se dedicar a trabalhos mais atrativos. A primeira delas, Giane Fraga Santos, que costumava trabalhar como engenheira química, hoje atua como artesã, produzindo *patchworks*⁹. Dentre as entrevistadas, Giane tentou outros caminhos informais, como motorista de Uber. “Mas não estava feliz, ficava naquele nervosismo de sair, de saber quem ia entrar no carro, e ficava naquilo, não via a hora de voltar pra casa e [pensava] meu Deus o que eu vou fazer, eu preciso me ocupar, preciso fazer alguma coisa, ganhar dinheiro” (0:30), disse Giane.

Na costura, ela garante ter encontrado a realização pessoal. “Não largo mais” (0:47), revelou. Foi também nesse setor que Ana Beatriz Fattori, que atuava como advogada, afirmou sentir mais felicidade. “Adoro ir comprar tecido, vou na loja e fico olhando, é uma delícia” (0:58), falou. Embora reconheça o esforço, ela garante que trabalhar na nova atividade é “muito mais

8 A reportagem pode ser encontrada pelo endereço eletrônico <<https://www.tvgazeta.com.br/videos/desempregados-se-viram-para-pagar-contas/>>. Acesso em 11/09/2022.

9 *Patchwork* é um trabalho desempenhado a partir de tecidos de retalhos, os quais formam diferentes tamanhos, imagens e produtos, entre os mais comuns: almofadas, colchas, peças de vestuário e mantas para sofá

gostoso” (1:04).

A terceira personagem do vídeo é Sheila Pascon, também artesã, que “trabalhou por 20 anos na área financeira com o bolso relativamente cheio, mas um vazio existencial” (1:06). A ex-gerente de projeto de um banco “virou especialista em costura de caderno” (1:14). “Eu me readequei, exatamente isso, você tem que mudar a sua maneira de viver, assim, você vive com um pouco mais de simplicidade, mas o que não é ruim, é muito bom também porque você descobre milhares de possibilidades” (1:18), defende Sheila.

A última personagem da reportagem mencionada é Verônica Oliveira, que encontrou na faxina uma oportunidade de ganhar “quatro vezes mais renda do que ganhava como atendente de *telemarketing*” (2:06). A repórter, Sabrina Pires, enaltece que “oferecer serviço de limpeza muita gente oferece, só que o sucesso da Verônica está no significado que ela deu a tudo isso – na internet virou a rainha dos memes – com anúncios que trazem ela mesma em capas de filmes e seriados famosos – além disso anuncia promoções, divulga as listas de músicas que ouve durante o trabalho – o resultado foi um sucesso que já rendeu clientes fixos e até convite para escrever um livro e montar um canal no YouTube” (2:19), menciona a repórter, que posteriormente questiona a faxineira se ela pensa em voltar a procurar uma vaga no *telemarketing*. “Nunca mais” (3:03), responde Verônica.

Interessante ressaltar que o ano de 2017 foi o ano em que se aprovou a reforma trabalhista que alterou significativamente – e para pior – a Consolidação das Leis Trabalhistas, a CLT. Nessa reforma, alguns itens jurídicos mediadores entre e capital x trabalho foram criados, tais como trabalho intermitente, empecilhos de buscar na justiça trabalhista em relação a direitos lesado, terceirização de todas as atividades laborais, acordos sobrepor-se a direitos legislados, trabalho insalubre até a mulheres em condição de grávidas, algo que não se consumou, mas estava no texto original.

Essa reforma foi a pá de cal que foi jogada nos direitos trabalhistas, pavimentando um caminho profícuo à informalidade ou empreendedorismo do sujeito-empresa, que subiu exponencialmente desde então. Bom para discurso neoliberal do empreendedorismo de si, como estamos a analisar neste texto.

Também notamos que a palavra crise fora “tomada como signo de uma certa ideia” (GUILHAUMOU, 2009, p. 107), ao tratarmos especificamente sobre aspectos da situação econômica do país, a qual se simboliza em um desequilíbrio histórico. Desse modo, acreditamos que, além de tornar nominalizar ao cotidiano do espectador, crise, de modo geral, é também uma forma da mídia também deter o controle semiótico da experiência humana, como nos explica Guilhaumou (2009). Essa observação é válida, pois, como ainda descreve o analista francês “nesse sentido, a observação das relações analíticas entre as ideias, depois entre as palavras inscreve-se na maneira pela qual as ideias se apresentam ao espírito, ou seja, segundo uma construção natural, simples e usual” (p. 116).

4. Considerações finais

As análises discursivas reunidas nesse trabalho suscitaram algumas refle-

xões críticas importantes, no sentido de compreender como existem certos direcionamentos de sentidos nas matérias que nos indicaram algumas regularidades comuns às principais mídias brasileiras.

Assim, trouxemos aqui, como parte pelo todo, uma pequena amostra que, longe de esgotar o tema e o objeto teórico, abre-se para novas possibilidades analíticas. As narrativas discursivas, da totalidade das reportagens analisadas, nos dizem de sujeitos trabalhadores o que nos remete àquilo que Dardot e Laval (2017) consideram como um sujeito empresa, isto é, o sujeito às voltas de uma razão ética de ser e existir no mundo neoliberal, que comanda, hegemonicamente, as relações de produção das classes trabalhadoras e da classe dos que detêm os meios de produção material e simbólico do capital. Assim discursos como “está desempregado, empreenda”, são utilizados não no sentido de “detenha um meio de produção”, mas sim de que o sofrimento do desemprego é apenas uma condição que pode ser superada, sem se vitimizar, passando à informalidade, ao trabalho ainda mais precarizado e que pode garantir sua sobrevivência enquanto sujeito e enquanto trabalhador.

Discursivamente falando, são mobilizados alguns sentidos na maioria das reportagens que tanto se repetem no decorrer das matérias como são adotados pela população desempregada: crise, esperar por melhorias, esperança, empreender, criatividade, sustentar uma ideia de que a solução pode estar em casa, esperança de sair dessa condição, entre outros. Discursos e sentidos que normalizam, dão estabilidade lógica aos efeitos de sentidos, os sustentam enquanto lógica perversa e precária do trabalho, no dizível desses sujeitos trabalhadores. Afinal, “a condição de funcionamento do mecanismo de mercado é a livre escolha nas decisões em função das informações que cada indivíduo possui” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 142).

Compreende-se, assim, como a narrativa discursiva midiática serve não aos interesses daqueles que elas entrevistam, para pautar suas matérias de crises, desemprego, desalento, entre outros, mas sim de preparar e amansar os corpos e as mentes para uma realidade concreta e objetiva: desemprego em massa, falta de gestão do Estado, bonança ao grande capital. A solução, no discurso, é tornar universal o paradigma de sentido de que, para tais crises, basta o sujeito tornar-se mais produtivo, mais dono de si, mais empreendedor de si e para si, mesmo que isso se reflita na mais alta miséria, palpável na instabilidade e na informalidade a que são acometidos diversos trabalhadores. Além de bom ao capital, esse sujeito de razão neoliberal, empreendedor na miséria e na crise, é alguém que esvaíza a verdadeira luta histórica de classes, da contradição, da discrepância da divisão dos que ofertam força de trabalho e os que dela se apropriam. Por mais que acreditem nessa ilusão e dissimulação cínica das ideologias neoliberais, os trabalhadores expropriados e precarizados, sujeitos-empresas de si, jamais dividiram os verdadeiros lucros e dividendos, simbólicos e materiais, daqueles que os colocaram nessa condição: Estado e Capital de ideologia neoliberal.

Portanto, cabe ao sujeito trabalhador – diante dessa nova razão de mundo – criar oportunidades de renda a si, quase como instinto de sobrevivência, puro e simples, ou levar a culpa pelo fracasso de sua condição desalentadora.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 11. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Cristhian. **A nova razão do mundo**. Ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2017.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e História**: percursos analíticos de acontecimentos discursivos. Coordenação e organização da tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009.

LEITE, Marcia de Paula. **Trabalho e sociedade em transformação**: mudanças produtivas e atores sociais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MARX, Karl **O capital** (Livro I, Cap. 6). São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editorial/Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. In: Caderno de Estudos Linguísticos, 19, Campinas, SP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Editora Pontes, 2008.